

165
190
7640
7714
1460

ÍNDIOS

COMO FALA A FLORESTA

Os próprios índios pedem ajuda aos pesquisadores e lutam para evitar o desaparecimento de seus idiomas

Se você um dia visitar a tribo djeromixi, no sul de Rondônia, talvez encontre José Roberto Jaboti, um índio de 19 anos, passeando com um walkman. Ele não está se divertindo. Pelo contrário, dedica seu tempo a uma tarefa exemplar: decifrar os sons da língua falada por sua tribo e escrever cartilhas para ensinar as crianças indígenas a ler e escrever em seu próprio idioma. Mais: com a ajuda de linguistas, ele está concluindo um livro que conta as lendas, mitos e costumes de seu povo, preservando pela escrita algumas tradições milenares até hoje só transmitidas oralmente de geração em geração. Além disso, prepara-se para fazer um dicionário contendo as palavras-chave e o significado de vocábulos importantes para o cotidiano de sua tribo, como os nomes de animais e plantas usadas nos rituais, alimentação e cura de doenças.

"Meu povo está muito interessado em ser alfabetizado na própria língua e algumas tradições perdidas estão voltando", afirma José Roberto, cuja tribo reúne 60 índios. "Os mais velhos dizem o que querem que seja traduzido",



A cartilha dos índios minqui (ou myky), de Mato Grosso, busca exemplos no cotidiano da floresta. No alto, à esquerda, as palavras içá, passarinho e mel. As frases dizem:

Estou indo tirar mel. Eu gosto de beber mel.

As crianças mataram passarinhos. Acabam de matar um passarinho.

As içás estão prestes a

sair do buraco. As içás acabam de sair do buraco.

A página à direita é sobre a anta (opyri). O texto diz:

A anta ficou presa na armadilha. Tapura foi e matou. Nós partimos e carregamos a anta.

As mulheres espiaram a anta. Todas as crianças também espiaram a anta.

(Tapura é um nome masculino)

explica o índio-professor, também encontrado com frequência nos laboratórios de lingüística do Museu Emílio Goeldi, em Belém, onde recebe orientação técnica para seu trabalho. Ele conta que passa dias e noites ouvindo gravações de relatos de uma velha índia, para escrever o livro sobre a mitologia dos djeromixi, palavra que se pronuncia de forma parecida com o vocábulo "jabuti". Isso levou os brancos a chamarem a tribo pelo nome desse animal, o que causa uma certa irritação a José Roberto, apesar de ter adotado, seguindo o costume, o nome branco de seu povo (com o u trocado pelo o) como sobrenome. Trabalho não falta. Só o mito de como surgiu o mundo, contado segundo a visão de sua tribo, ocupou três fitas de 90 minutos,

com o relato da lenda de dois amigos, que lutaram contra monstros e morcegos para destampar um poço repleto de crianças e dar origem ao Universo.

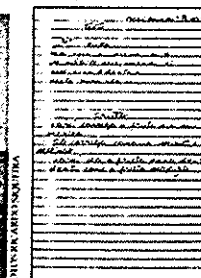
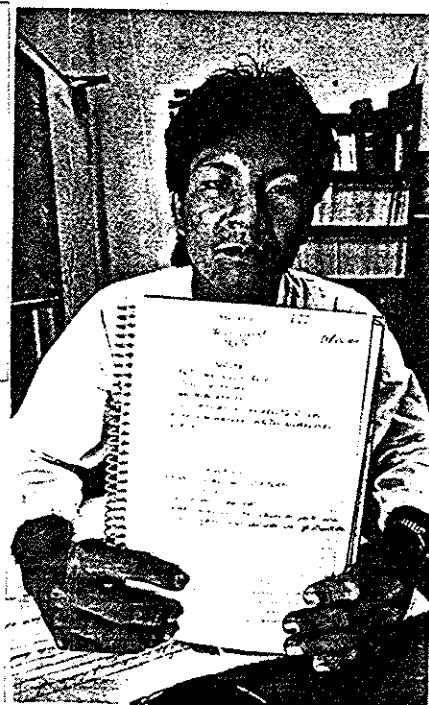
A tribo de José Roberto quer evitar que ocorra com ela o mesmo que aconteceu — e acontece — com outros povos indígenas, que perderam a língua materna. Os números são expressivos. O Brasil tem 170 línguas indígenas conhecidas, das quais cerca de 130 são faladas na região amazônica, número superior a todos os idiomas da Europa somados. Em todo o território nacional, essas línguas são faladas por um total de 150 mil índios, tendo cada uma cerca de 900 falantes, em média. Pesquisa feita em 1984 mostrou que na época 36 línguas tinham menos de 100 falantes e 14 tinham

menos de 50. Várias delas são hoje faladas por alguns poucos velhos: o povo aricapu, de Guajará-Mirim, em Rondônia, por exemplo, tem apenas quatro falantes. Os xipaia, kujubim e puruborá têm somente dois e entre os maco, do alto Rio Negro, somente um indivíduo fala a língua materna.

PERTO DA EXTINÇÃO

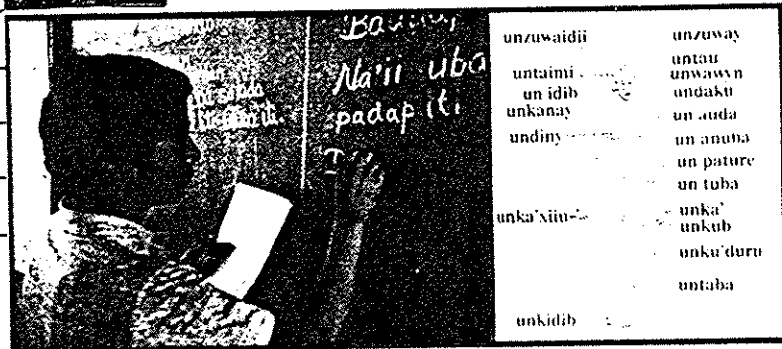
Com o avanço da exploração econômica da Amazônia, os índios foram levados a contatos mais intensos com os brancos, cuja maioria não está absolutamente preocupada em conhecer — e muito menos preservar — a cultura desses povos. Muitas crianças indígenas nascem em ambientes culturalmente mistos, onde suas línguas não são ensinadas nas escolas e a herança indígena é desprezada. "Se as crianças não aprendem suas línguas nativas, os mais velhos não lhes podem mais transmitir sua rica experiência cultural e, quando essas pessoas mais velhas morrerem, suas línguas, bem como o conhecimento único que elas contêm, desaparecem", explica o linguista Denny Moore, um americano que chefiou o laboratório de lingüística do Museu Emílio Goeldi.

"As línguas que não estão sen-



José Roberto, algumas de suas anotações e Moore, do Museu Goeldi de Belém: os índios jabutis recuperam suas tradições

INDIOS



Professor em Malacaxeta, Roraima, e desenho do corpo humano: ensino em moldes diferentes

Os índios trabalham com estruturas matemáticas diferentes das nossas

do aprendidas por crianças estão a um passo da extinção", reforça o pesquisador, lembrando que a língua é o principal meio de expressão de uma cultura. Não é bem certo o número de línguas brasileiras que se encontram nessas condições. Mas Rondônia é um bom termômetro: das 25 línguas faladas no estado, três não estão mais em uso — ou seja, os últimos falantes sobreviventes não têm com quem falar. Treze têm muito poucos falantes ou não são mais aprendidas por crianças. E somente nove ainda estão sendo ensinadas para um número maior de jovens como língua materna.

A Constituição de 1988 assegurou, em dois artigos, a inclusão da

língua materna no processo de ensino e aprendizagem dos índios. O mesmo aconteceu com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e com o Estatuto do Índio. "O português deixou de ser língua nacional, para ser língua somente oficial", comenta a lingüista Ruth Monserrat, do Departamento de Lingüística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que faz parte do Comitê de Educação Escolar Indígena do Ministério da Educação.

"Precisamos de escolas diferenciadas para os índios, sustentadas pelo pensar teórico de suas culturas e não pelos nossos moldes culturais", opina Ruth. E exemplifica: "Ensinar matemática para os

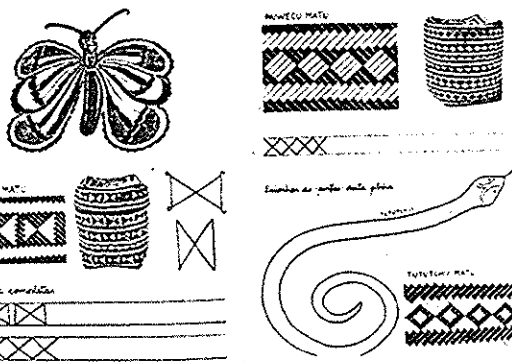
índios é diferente porque muitas tribos mantêm estruturas matemáticas abstratas distintas das nossas e algumas línguas contam no máximo até o número dois. Os demais são designados apenas por palavras que significam "muitos". Uma regra é básica para os lingüistas modernos: os professores devem ser os próprios índios. Aprender ou não português é um assunto que deve ser decidido pelas comunidades. O normal é primeiro aprender a língua materna, para depois, se for o caso, aprender o português — assim como, em nosso caso, para entender inglês é mais fácil saber primeiro o português.

Mas algumas tribos preterem o contrário, como um grupo de 14 povos indígenas do Acre, liderados pelos caxinauás, que está há mais de 150 anos em contato com os brancos. "Eles pediram para ser alfabetizados em português e aprender a fazer contas para não serem enganados pelos brancos marreiros", conta Ruth. "Depois, eles se interessaram em aprender a própria língua, fizeram cartilhas e hoje já existe no Acre até associação de professores indígenas", acrescenta.

ASSESSORIA DO MUSEU

Processo semelhante aconteceu com o povo minqui ou myky, de Mato Grosso, cujos membros não sabiam falar uma palavra em português, apesar de estarem há 24 anos em contato com os brancos. Eles pediram à indianista Elizabeth Rondon, neta do explorador Cândido Rondon, que há dez anos presta assistência à tribo, para aprender a ler e escrever em português. Seu objetivo é facilitar as relações com os brancos. Eles já fizeram uma ortografia da própria língua e livros para o ensino de português e matemática.

Hoje, os lingüistas estão sendo tão requisitados pelos índios quanto os médicos. Recentemente, a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Bra-



sileira, que representa os povos da região, pediu ao museu Goeldi, de Belém, assistência técnica para treinar 300 professores índios em educação bilíngüe. Mas faltam especialistas: no Brasil, há somente 12 lingüistas com doutorado trabalhando com línguas indígenas. Outros 45 profissionais com nível de mestrado, que trabalham ou trabalharam com índios, estão agora em instituições onde há pouco interesse pelo tema. Resultado: menos da metade das línguas do Brasil — aproximadamente 80 — já teve algum tipo de descrição, das quais somente 10% são consideradas de boa qualidade científica. Cerca de 95 estudos estão em andamento, mas praticamente todos têm problemas, como falta de verbas.

Para resolver isso, o museu Goeldi já traçou um plano de cinco anos, uma espécie de mutirão científico que vai custar 2 milhões de dólares, para salvar da extinção pelo menos 50 línguas indígenas. Serão produzidas dez horas de gravações em áudio e vídeo das 170 línguas indígenas do Brasil. A meta é treinar estudantes e pesquisadores e desenvolver ortografias e cartilhas de alfabetização, incentivando os próprios nativos a produzirem textos em suas línguas. Vinte livros de-

verão ser escritos pelos índios, a partir dos conhecimentos tradicionais de suas tribos.

Os lingüistas funcionam como consultores dos índios. O trabalho começa em campo com a gravação de relatos indígenas, obtidos principalmente dos mais velhos, que conhecem melhor a língua. Em seguida, o lingüista tenta identificar o maior número possível de vocábulos, a partir de uma espécie de formulário padronizado, contendo até 700 perguntas que vão resultar nas palavras e frases que formam uma amostra básica da língua. Os sons são estudados minuciosamente: é necessário observar o movimento dos lábios, da língua e das ar-

ticulações para descobrir como eles são produzidos.

Assim, é possível fazer um alfabeto aproveitando, na medida do possível, os símbolos do português. Mas alguns sons estranhos exigem letras diferentes, identificadas por um trema, que representam sons nasalizados produzidos no fundo da garganta. Os minquis usam um estranho y com til. Com o alfabeto, estuda-se a relação entre os vários sons, para a definição das sílabas e palavras — trabalho necessário para se entender como as frases são construídas.

Há línguas, como a dos índios gaviões, de Rondônia, que usam alfabetos chamados de tonais: as



Cartilhas usadas pelos índios: decisão de aprender ou não o português cabe à própria comunidade

CEDI

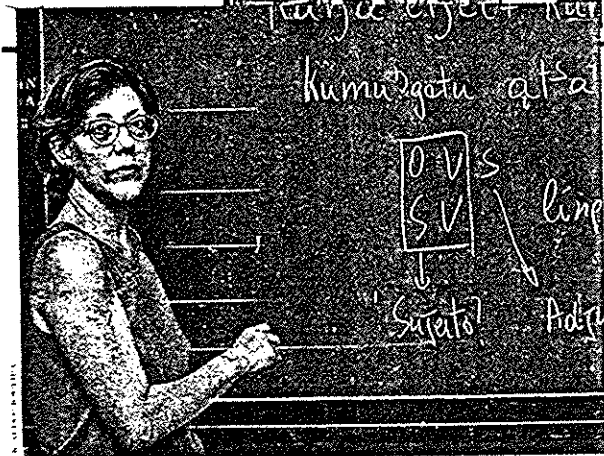
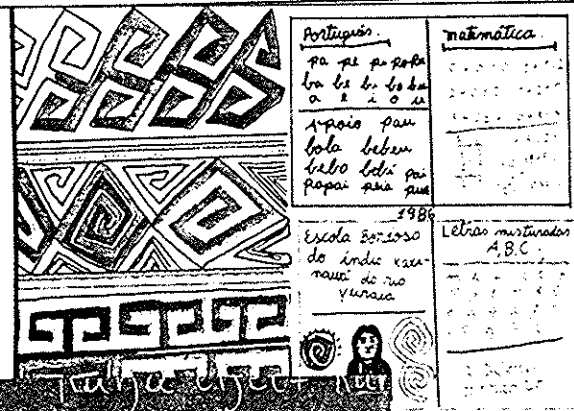
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Revista Globo Ciência Class.: Índios / Educação

Data: agosto 1994 Pg.: EDIR 0138

LUX JORNAL REVISTA GLOBO CIÊNCIA BRASIL * AGO 1994

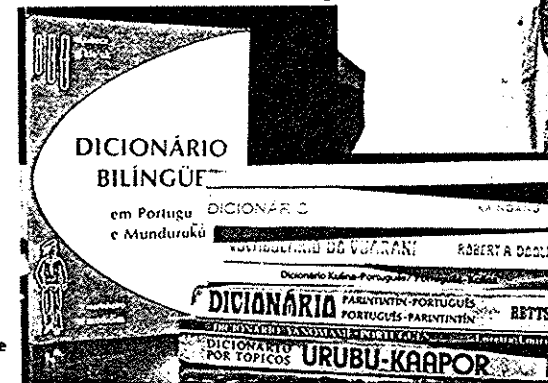
LUX JORNAL REVISTA GLOBO CIÊNCIA BRASIL * AGO 1994



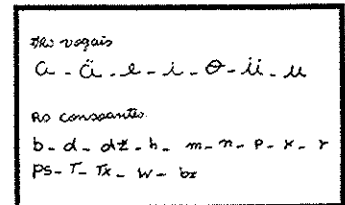
A linguísta Bruna Francheto, do Museu Nacional, e livro para ensinar português para os índios: padrões impossíveis pelas teorias

ÍNDIOS

Conhecendo essas línguas, pode-se saber mais sobre a história e os hábitos dos índios



Ruth Monserrat, da UFRJ, e dicionários de línguas dos índios: incentivo à auto-estima e ao respeito por si mesmo



letras são "faladas" em muitos casos por meio de assovios. Outras línguas, como a falada pelos jibutis, são caracterizadas por palavras com sons bastante curtos, como ocorre no chinês. E algumas, como a do povo cuiruro, do Alto Xingu, são chamadas línguas ergativas porque elas usam no fim das frases o termo "heke", para identificar o sujeito de um verbo transitivo. "Estudos linguísticos com índios podem contribuir para refutar ou confirmar as teorias sobre as formas que uma língua humana pode ter", alerta a linguísta Bruna Francheto, do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Em alguns casos, as línguas sul-americanas exibem padrões antes considerados impossíveis pelas teorias. Se essas línguas tivessem desaparecido antes de serem estudadas, a teoria linguística seria mais pobre.

Para ajudar a evitar isso, o Museu Nacional está informatizando seu acervo, o mais antigo do Brasil, com gravações e docu-

mentos sobre línguas indígenas. Lá estão, por exemplo, coleções dos jesuítas do século 16 e o acervo científico de um dos mais conceituados linguístas a estudar os índios brasileiros: o alemão Kurt Unkel, que adotou o nome guarani de Nimuendaju ("aquele que criou seu caminho") e reuniu na década de 20 dados importantes sobre línguas hoje extintas. "Com a comparação de sons e estruturas de línguas extintas com as atuais é possível conhecer parte do passado cultural de alguns povos", comenta Bruna.

COMO O INGLÊS E O FRANCÊS

De fato, reconstruindo línguas do passado, que estão no topo do tronco do qual se originaram dialetos atuais de uma mesma família, é possível resgatar itens do vocabulário de línguas que eram faladas há até 5.500 anos. Isso ocorreu com o dicionário proto-indo-europeu, publicado em 1989. Estudos deste tipo também

ajudam a reconstruir a pré-história da Amazônia, descobrindo, ao lado de investigações genéticas, como e quando o homem chegou à região.

Conhecendo as línguas indígenas fica mais fácil saber como os índios usavam plantas medicinais e exploravam a floresta sem destruí-la. Para os índios, ver sua língua materna escrita e encadernada, exatamente como os livros em português, inglês, espanhol ou francês, gera mais sentimento de valor para aquilo que falam. "No mínimo, restaura a auto-estima e o respeito por si próprios", completa Ruth, da UFRJ, que agora está empenhada em ressuscitar uma língua praticamente morta: a dos curuaia, do Amazonas, que já não vivem em aldeias. Somente uma velha índia se recorda do idioma da tribo. "Gravamos 110 palavras que ela se lembrava e agora estamos procurando novos relatos para fazer um vocabulário", afirma.

SÉRGIO ADEODATO/MÁRIO LEITE